

Massimo Leone: comunicação digital, ontologia e semiótica

Massimo Leone: digital communication, ontology and semiotics

Entrevista com MASSIMO LEONE^a

Università di Torino, Departamento de Filosofia e Ciências da Educação. Turim, Itália

Por CLÓVIS TEIXEIRA FILHO^b

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo – SP, Brasil

EM ENTREVISTA CONCEDIDA um dia após a palestra “O rosto da natureza: uma análise semiótica” no Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, na Universidade de São Paulo (CRP-USP), o professor titular da Università di Torino Massimo Leone compartilhou sua trajetória de pesquisa e incursões no ambiente digital por meio da semiótica. Doutor em História da Arte e mestre em estudos do texto e da imagem, o pesquisador italiano volta-se ao cotidiano em seus diversos artigos e projetos, que se dividem entre Oriente e Ocidente, contando recentemente com o apoio à pesquisa do European Research Council (Consolidator Grant). Em suas contribuições para a Comunicação, reforça o comprometimento metodológico, os limites da eticidade nas discussões sobre inteligência artificial e uso de imagens, assim como as transformações de significado do rosto humano a partir das novas tecnologias e as formas de pensar a ontologia nesse contexto. Assim, une o trabalho com grandes quantidades de dados às análises qualitativas, o que fornece um panorama descritivo e interpretativo dos fenômenos estudados.

MATRIZES: A sua formação envolve comunicação, semiótica, história da arte, estudos religiosos, entre outras áreas. Como esse percurso contribui para sua atuação de pesquisador e professor universitário? Qual sua análise sobre as contribuições interdisciplinares e pós-disciplinares na comunicação?

Massimo Leone: Um dos elementos fundamentais na minha vida intelectual é a curiosidade; desde menino, tenho curiosidade por tudo. Quando chegou o momento de escolher minha carreira universitária, a semiótica pareceu-me a disciplina perfeita para não abandonar minha curiosidade e ao mesmo tempo conseguir discipliná-la; utilizar essa característica para encontrar

^a Professor titular de Semiótica e Filosofia da Linguagem na Università di Torino e Professor Visitante de Semiótica no Departamento de Língua Chinesa e Literatura da Universidade de Xangai. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8144-4337>. E-mail: massimo.leone@unito.it

^b Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7527-6111>. E-mail: clovistf@usp.br

padrões comuns de sentido nos distintos fenômenos que interessavam para minha mente. Comecei a conhecer a semiótica lendo os livros de Umberto Eco, logo com Omar Calabrese – um professor de semiótica da Universidade de Siena, na Itália, muito carismático – que me fascinou profundamente e foi quem me guiou para a especialização em semiótica da arte.

Desde menino, tenho uma fascinação pelas igrejas barrocas de minha cidade, Lecce, no Sul da Itália. Em minha dissertação de mestrado utilizei a semiótica para entender melhor o sentido das pinturas religiosas dos séculos XVI e XVII. Dei-me conta bastante cedo que não podia interpretar essas obras unicamente com a semiótica, assim, comecei a ter interesse também por seu contexto histórico, aprendendo história de arte na Suíça com Victor Ieronim Stoichita, um de meus mestres e história das religiões e teologia na Sorbonne. Estas três dimensões – a semiótica, o estudo das culturas visuais, e a análise do pensamento religioso e ideológico estão quase sempre presentes no meu trabalho de pesquisador. A comunicação é, por essência, uma área interdisciplinar, que necessita múltiplos olhares para compreender os objetos de estudo. No entanto, o estudo da comunicação nem sempre se mostra dessa forma.

MATRIZES: Seus estudos estão direcionados ao cotidiano por meio da semiótica cultural. Nesse sentido, como entende o lugar da semiótica na contemporaneidade? O contato triádico com a realidade, na ótica peirceana (Peirce, 1977), os sistemas modelizantes de Lotman (1996), ou a perspectiva das contraculturas, sob a ótica de Umberto Eco (1983) refletem também esse interesse. Como a semiótica pode ser útil para pensar as mudanças e instabilidades de tempo e espaço atuais?

ML: A semiótica começou a ter êxito como disciplina estudando precisamente a cultura popular e a vida cotidiana, por exemplo com a investigação sobre os “mitos de hoje” de Roland Barthes (1975), ou a análise da cultura de massa de Umberto Eco (1975). Nessa época, os acadêmicos não estudavam esses fenômenos, porque pareciam indignos de interesse universitário. Hoje, muitas disciplinas “nobres” estudam a vida cotidiana, inclusive a filosofia. Surge então a necessidade de diferenciar e posicionar o método da semiótica, como pode ser visto em recentes contribuições que fiz nesse sentido (Leone, 2015, 2019). A semiótica tem muitas vantagens: a possibilidade de estudar a cultura digital por meio de seus textos, por exemplo. A sociologia tradicional não pode descrever os usuários da rede com suas ferramentas metodológicas tradicionais, porque o anonimato generalizado da esfera digital constitui um obstáculo para isso; a antropologia também não pode aplicar seu método constitutivo, ou seja, a observação participante. A semiótica, em suas distintas

tendências subdisciplinares, e especialmente a semiótica da cultura, pode utilizar a análise dos textos que circulam na esfera digital para compreender as linhas ideológicas fundamentais da sociedade contemporânea.

MATRIZES: Há muitos semioticistas italianos, mas certamente Umberto Eco é a grande referência. Poderia falar um pouco sobre as principais contribuições do autor para a semiótica dos nossos tempos?

ML: Umberto Eco era um gênio. A sua contribuição mais importante foi propor uma concepção equilibrada da interpretação do sentido, baseada na ideia de comunidade de intérpretes. Na primeira parte de sua trajetória intelectual, Eco invocou uma abertura do texto como obra, na qual a participação do leitor é essencial. Na segunda, contra a interpretação desconstrucionista de Peirce, proposta por Derrida (1974), e sobretudo contra suas utilizações revisionistas, Eco (1995) enfatizou a necessidade de entender o sentido não apenas como espaço de liberdade, mas também como campo de limites. A interpretação individual tem que ser integrada à comunidade de intérpretes, que determina o horizonte de razoabilidade da primeira. Um dos grandes problemas da comunicação atual é exatamente a impossibilidade de formar uma comunidade de sentido global no mundo digital, com a consequência de que, muitas vezes, a interpretação dos textos que circulam nele é insensata.

MATRIZES: Um dos seus artigos (Leone, 2018a) resgata a ideia de Umberto Eco sobre a possibilidade de analisar, pela semiótica, tudo aquilo que serve para mentir. A partir desse ponto de vista como se pode refletir a importância da imagem no ambiente digital e as relações entre a pesquisa em comunicação e a semiótica?

ML: A cômica definição de Umberto Eco (1976) é muito eficaz: indica que tudo o que tem uma alternativa pode ser objeto de intencionalidade e, portanto, fonte de sentido. O código genético, por exemplo, não é um elemento semiótico porque com ele não podemos mentir. O nosso rosto é um elemento semiótico, embora alguns traços dele, como o enrubescimento da vergonha, por exemplo, não possam ser dissimulados. De fato, Umberto Eco (1976) definiu a semiótica como a disciplina que estuda tudo o que *pode* ser utilizado para mentir, não o que *deve* ser utilizado para mentir. O que serve para mentir também pode ser útil para dizer a verdade. Por isso, a semiótica não se interessa pela verdade da comunicação, que é um tópico para lógicos e historiadores, mas da sua verossimilhança, ou seja, a maneira como as culturas produzem ideologias e retóricas da verdade. O ponto mais importante no estudo semiótico da comunicação contemporânea não é a constatação de que

os textos digitais comunicam muitas vezes conteúdos ontologicamente falsos, mas a hipótese de que a ideologia que mantém contato com esses conteúdos está mudando: o problema não é que a gente acredita no que é falso, mas que não nos interessa mais o estatuto de verdade daquilo no que se acredita.

MATRIZES: Aproveitando sua experiência em diferentes países e retomando a relação entre comunicação e semiótica, como percebe diferenças na semiótica pensada e praticada no Ocidente e no Oriente? Como analisa o desenvolvimento da semiótica na América Latina e no Brasil?

ML: Seguramente há muitas diferenças. Existem questões como as regulações da pesquisa com imagens no Ocidente, especificamente na União Europeia, e no Oriente, que influenciam nas decisões do pesquisador. Além disso, a semiótica tenta produzir uma metalinguagem intersubjetiva sobre a realidade, porém não é uma ciência exata: é influenciada por seu contexto cultural e seu pano de fundo histórico. Na semiótica da América Latina, por exemplo, a questão social e política é fundamental. As versões europeias da semiótica normalmente são mais descritivas; semióticas comprometidas com seu posicionamento, como a dos anos 1970, são mais raras. Pessoalmente, admiro muito a dimensão *engagée* da semiótica latina, embora às vezes corra o risco de se deixar influenciar excessivamente por polarizações sociais. É fundamental que os pesquisadores mantenham certa distância de seu objeto de investigação, que indiquem em seus trabalhos os resultados prováveis das opções ideológicas, sem aludir qual delas seria a mais apropriada. Os pesquisadores não deveriam trabalhar para que uma dessas opções domine, mas para que, não importa qual domine, seja uma escolha plenamente esclarecida. O problema político contemporâneo não é “o que” a gente escolhe, mas o fato de não conhecer verdadeiramente o que se escolhe.

MATRIZES: Recentemente você teve um projeto de pesquisa apoiado pela União Europeia, dedicado à investigação do rosto e da identidade na cultura digital. Um dos desdobramentos está no artigo “The semiotics of the face in the digital era” (Leone, 2018b), mas também notei que seu rosto é substituído pela obra de Giuseppe Arcimboldo em uma mídia social. Poderia nos contar mais sobre a origem desse projeto e as relações entre imagem e identidade, assim como os enquadramentos teórico-metodológicos utilizados nesse trabalho?

ML: Desde sempre, o rosto é uma obsessão minha como pesquisador. Tudo o que concerne ao rosto me fascina. O rosto, de fato, é uma das mais importantes interfaces de interação social. Quando o meu pai morreu tive que escolher uma foto para sua lápide, junto com minha mãe e meu irmão. Uma vida

inteira resumida em uma foto! Isso fez com que eu refletisse sobre a relação entre rosto e sentido, e decidi concentrar-me nas mudanças que caracterizam o sentido do rosto na sociedade digital. Publico muitas imagens de meu rosto nas redes digitais, que também é uma maneira de experimentar as reações das pessoas aos distintos formatos da representação. No meu perfil do Facebook utilizo uma versão moderna de uma pintura de Giuseppe Arcimboldo. A versão é de Klaus Enrique, um geneticista estadunidense que, como Arcimboldo, brinca muito com as representações de rostos feitas com elementos naturais. Escolhi a pintura de um rosto feito por vegetais porque sou vegano e acredito muito na continuidade da natureza. Portanto, podemos dizer que a visão de mundo está presente na minha pesquisa, mas balizada pela metodologia. Hoje, com as possibilidades da inteligência artificial, os rostos digitais podem se afastar da ontologia vivenciada até aqui, o que retoma minha escolha pela definição de Eco para a semiótica.

O caminho utilizado no grupo que coordeno, com a participação de pesquisadores de diferentes localidades, pode ser dividido em três etapas: a primeira, da sintaxe, é realizada com uma quantidade imensa de dados digitais para definir padrões das imagens; a segunda é uma análise semântica, ainda com uso de base de dados; a terceira, concentrada em um número menor de pesquisadores, é a semiótica cultural, que analisa as possibilidades de sentido a partir dos padrões anteriores.

MATRIZES: Regulação e regulamentação de práticas, proteção de dados pelos usuários, abertura de caixas-pretas são aspectos discutidos no contexto algorítmico, de *big data* e de inteligência artificial, que projetam o poder social dessa linguagem. Quais as consequências desse panorama para uma ética na comunicação, na pesquisa e para a constituição da subjetividade?

ML: Poucas pessoas hoje conhecem tecnicamente as linguagens digitais e as modalidades da sua comunicação. O sistema informático global vende uma ilusão de criatividade individual, mas o usuário da rede é muito passivo: oferece informações sobre ele mesmo sem perceber sua importância e valor. Isto acontece também com o rosto. É necessário que sejamos mais informados sobre o valor do rosto no mercado da comunicação global, que aprendamos a cuidar dele como se cuida do rosto físico. Atualmente, vivemos em alerta para os cuidados estéticos com o rosto, mas não temos a mesma determinação para os dados que determinam nossas identidades digitais. Também é relevante que as novas gerações conheçam mais sobre os códigos técnicos da comunicação digital. O fazer científico da comunicação, cada vez mais se aproxima da complementaridade entre o saber técnico e o saber filosófico, em que o

entendimento dos fenômenos atravessa a linguagem numérica, algorítmica, em conjunto com a escrita e a imagem. Nas pesquisas que desenvolvo existe um cuidado intenso com as questões éticas, pois envolvem personagens ontológicos; ainda que o acesso às imagens de perfil em redes sociais seja determinado contratualmente, realizamos a divisão em partes desses rostos para encaminhar aos pesquisadores. Por isso, cada um deles não tem acesso ao conjunto que forma o rosto.

MATRIZES: Nesse sentido, nos aproximamos da complementaridade entre memética (do ponto de vista da cultura e genética) na perspectiva da natureza. Há nessa discussão o tensionamento entre utopias e distopias, recorrentes nas produções audiovisuais ficcionais. Qual sua visão para um futuro próximo da humanidade em contato com a comunicação digital?

ML: Como pesquisador não considero que meu propósito principal é indicar opções de conduta ou de comunicação, mas descrever com a neutralidade possível as opções existentes e fornecer previsões sobre suas consequências. Eu acredito que exista uma relação entre, por um lado, a distância da sociedade “física” e a sua representação digital e, por outro lado, a violência. Acredito que, nas sociedades em que essa distância aumenta, é produzida uma diminuição da empatia social; portanto, elas estão mais propensas aos desvios conflitivos.

MATRIZES: Gostaria de finalizar a entrevista com outros pontos sobre seus objetos de estudo ou acrescentar alguma informação?

ML: Gostaria de agradecer a comunidade semiótica paulista pela extraordinária oportunidade de compartilhar meu pensamento. Encontrar Clotilde Perez e seu grupo de trabalho, dialogar com Lucia Santaella sobre Peirce, visitar a Casa Semio, disfrutar os momentos informais com outros pesquisadores: fico muito agradecido. A cultura brasileira é uma hipercultura, porque surge do encontro de muitas outras; por isso é um terreno de ensaio fundamental para a semiótica contemporânea. São Paulo, em particular, é o verdadeiro centro desta rede hipercultural; estudar de qual maneira esta complexidade se traduz na comunicação digital de hoje é um desafio entusiasmante. ■

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (1975). *Mitologias* (R. Buongiorno & P. Souza, Trans., 2a ed.). São Paulo, SP: Difel.
- Derrida, J. (1974). *Of Grammatology* (G. C. Spivak, Trad.). Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.

- Eco, U. (1975). *Trattato di semiotica generale*. Milão, Itália: Bompiani.
- Eco, U. (1976). *A theory of semiotics*. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Eco, U. (1983). Existe la controcultura? In U. Eco, *Sette anni di desiderio* (pp. 217-231). Milão, Itália: Bompiani.
- Eco, U. (1995). *Os limites da interpretação*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Leone, M. (2015). To be or not to be Charlie Hebdo: Ritual patterns of opinion formation in the social networks. *Social Semiotics*, 25(5), 656-680.
- Leone, M. (2018a). Designing imperfection: The semiotics of the pixel. *Punctum*, 4(1), 105-136.
- Leone, M. (2018b). The semiotics of the face in the digital era. *Perspectives*, 17, 27-29.
- Leone, M. (2019). *On insignificance*. Londres, Inglaterra e Nova York, NY: Routledge.
- Lotman, Y. M. (1996). *La Semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto* (D. Navarro, Trad.). Valência, Espanha: Frónesis Cátedra.
- Peirce, C. S. (1977). *Semiótica* (J. T. Coelho Neto, Trad.). São Paulo, SP: Perspectiva.